

5 GEOFAGIA

Geofagia é uma prática de comer substâncias terrestres, como barro ou outro tipo de terra. Mexer com terra é também mexer com memórias das primeiras observações da natureza. A terra do quintal é lembrada em todo início de chuva, quando a terra seca começa a absorver água, liberando um cheiro de terra molhada que, desde não se sabe quando, já se conhece. Por que o impulso de colocar na boca aquela terra tão bonita e aparentemente limpa, já que a havia peneirado, não sei. Saliva e terra, elementos para se pensar, são imagens fortes para mim. Após introduzir uma colher cheia de terra na boca e constatar que tinha era um gosto de material inorgânico, o impulso foi de cuspir aquela lama formada dentro de minha boca e me recompor rapidamente, antes que alguém visse aquela cena e ralhasse comigo. O envolvimento com o trabalho de peneirar e molhar, presente no processo da cerâmica, trouxe à tona essa inocência perdida, de vivenciar experiências com diferentes matérias durante a mais tenra infância. Os adultos veriam isso como geofagia. E por isso o nome *Geofagia* foi escolhido para a exposição de conclusão deste mestrado (Figura 82).

Com o desenvolvimento da investigação, novas possibilidades surgiram; questões estéticas e filosóficas foram se colocando à medida que os trabalhos foram tomando corpo. Estava visceralmente envolvida com o fazer, ao tempo em que ia refletindo e tecendo conexões entre idéias, intuição e conceitos.

Enquanto concebia as obras, eu me dava conta de estar em uma jornada de autoconhecimento. Por que perenizar os vestígios dos objetos? Por que camadas tão finas, negando a resistência inicial da própria cerâmica? Por que meus objetos? Por que eu?

Para essa exposição foram feitos estudos do espaço, mas, a finalização dos planos foram feitos em diálogo com a orientadora, já com os trabalhos no espaço. Algumas mudanças ocorreram desde as primeiras idéias, o que é natural do processo criativo e alguns trabalhos pediram relocação e a inserção de mais alguns elementos. Foram feitos alguns planos em cima da planta baixa da galeria (Figura 83), tendo me

GEOFAGIA

Rosângela Costa
Rosângela Costa

*"Não só um novo elemento,
o fogo, vem cooperar para
a constituição de uma matéria
que já reuniu os sonhos
elementares da terra e da água,
mas também, com o fogo,
é o tempo que vem individualizar
fortemente a matéria."*

Gaston Bachelard

ABERTURA
Terça-feira
5 de setembro de 2006
Das 19 às 22 horas

VISITAÇÃO
Segunda a sexta-feira
6 a 14 de setembro
de 2006
das 9 às 18 horas

Galeria Cañizares
Rua Araújo Pinho, 212
Canela - Salvador - Bahia
Tel 3247-4247

Realização: 

Apoios:   

MAV
MESTRADO EM ARTES VISUAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES - UFBA

fapesb
Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado da Bahia

GOVERNO DA BAHIA
Secretaria de Cultura,
Patrimônio e Identidade

Figura 82 - Convite virtual da exposição Geofagia. Divulgação em meio virtual.

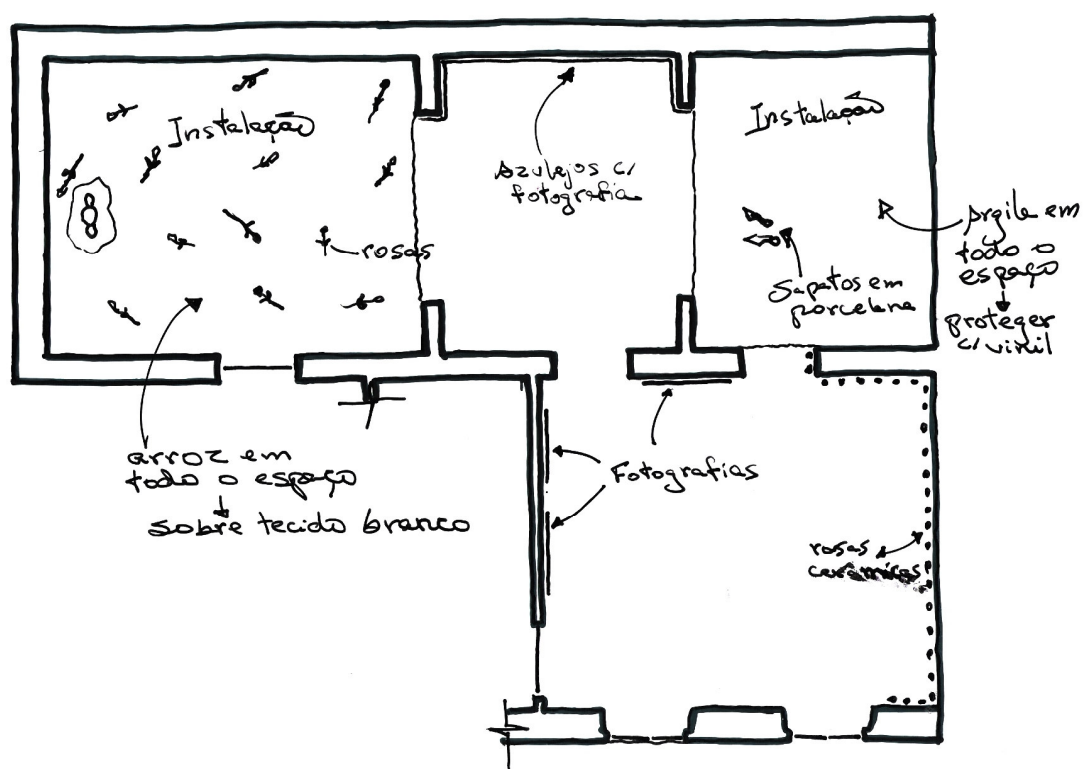


Figura 83 – Rosângela Costa. Estudo do espaço expositivo com esboço sobre a planta baixa da Galeria Cañizares.

decidido por uma concepção de espaço em que cada trabalho dialogasse com os dos outros espaços.

A fotografia *Terra Vita* (Figura 84), que foi um dos desdobramentos da ação *Filha do Vosso Ventre*, pôde ser exibida nessa mostra. Nas fotografias *Pertencimento I e II* (Figuras 85 e 86), ao invés de ter auxílio de outra pessoa para acionar o botão de disparo da câmera, eu mesma fiz os cliques, tendo como distância entre mim e a câmera apenas meu braço. *Corpo em ação, corpo revestido*.

O sujeito que constrói é o sujeito fotografado. Trata-se, assim, de refletir não apenas sobre o ato fotográfico, mas sobre a própria ação, ou melhor, sobre o corpo em ação (KRAUSE, 2005, p. 57).

Ao me observar em uma imagem, encontro-me em um momento bastante particular; mais ainda, neste caso, coloco-me como o sujeito que constrói a imagem e o sujeito fotografado. Foram vários cliques para chegar ao que a princípio nem sabia que buscava, uma visão de mim mesma, autofotografar-me, ver-me, conhecer-me.

No momento em que me fotografo, não me vejo, e, quando me vejo, não realizo uma simples análise: antes disso, projeto-me para o interior da imagem, intuo uma experiência esta que é memória neste corpo que, de fora da imagem, observa. [...] O agora é memória do passado (KRAUSE, 2005, p. 66).

Algumas questões surgem, além do valor da imagem em si, do seu valor poético, também funcionando como um espelho. Como sou projetada é como me vejo? Como penso que sou? Ou estou equivocada sobre mim e a imagem me denuncia? Há uma construção de um autoconhecimento ao mirar a minha auto-imagem:

A relação entre o ato de me fotografar ou filmar e a ação corporal, afinal, são o que percebo, em minha prática, como um processo de exploração dos limites de meu corpo e de minhas ações para através deste exercício de auto-experiência engendrar o que conheço como possível na arte: o conhecimento do que sou. Espécie de projeção de si e para si, a construção de uma auto-imagem, portanto, não se dá apenas durante o ato fotográfico, mas no ato fotográfico em conjunção com as ações desenvolvidas (KRAUSE, 2005, p. 71).

A composição na parede da sala três, *Bibelô* (Figura 87), tinha 37 módulos, 15 cm x 15 cm cada (Figura 88 e 89). Para esse trabalho, apropriei-me de um retrato meu de infância, fotografando-o e fazendo um recorte, de modo que este ficasse no formato quadrado.



Figura 84 – Rosângela Costa, “Terra Vita” – Fotografia de ação. 50 x 70 cm. 2005.